

SURDOS COM BAIXA VISÃO/SURDOS E PESSOAS COM BAIXA VISÃO: CONVERGÊNCIAS E POSSIBILIDADES

Felipe Leão MIANES¹

ABSTRACT: This work, linked to cultural studies is to analyze the learning process of pounds by people with low vision as well as the insertion of the deaf with low vision in deaf culture. Moreover, proposing a debate about the differences and their points of convergence, in this case, the deaf-blind. It was verified that there are forms of communication that contrary to what is thought to provide cultural exchange between these two groups once thought to be antagonistic.

KEYWORDS: deaf-blind; Cultural Studies; Representation

1. Deficiência visul e surdez: pontos de convergência

Quando comecei a interessar-me pela questão da deficiência visual, ainda na graduação em Pedagogia pela UFRGS, desejava pesquisar algo que escapasse aos estudos relativos a Educação Especial, pois tinha o objetivo de analisar o tema pelo viéz cultural. Procurei alguns caminhos que poderiam ser percorridos neste sentido, mas sem que nenhum deles me levasse a um resultado a contento.

Foi no momento em que tive os primeiros contatos com a cultura surda que vislumbrei algumas possibilidades de investigação diferenciada das atuais pesquisas sobre a deficiência visual². Percebi que as identidades surdas é um dos principais marcadores da cultura surda, e a partir de então optei por pesquisar sobre a produção de identidade das pessoas cegas e com baixa visão.

O senso comum afirma que a deficiência visual e a surdez são antagônicas, dado que a primeira se utiliza prioritariamente da audição por não ter o sentido visual; e a segunda, o sentido visual por não possuir a audição. Apesar disso, existem muitos pontos de convergências e possibilidades de diálogos entre estes dois grupos, que comungam mais do que o fato de pertencerem a “classe” dos diferentes e anormais. Considero esta troca cultural fundamental para ambos, pois, além de contrapor ao senso comum, essas trocas culturais ao mesmo tempo em que ressaltam o valor das diferenças, também as interligam de alguma forma. Pretendo, então, traçar alguns destes pontos de convergências, analisá-los e demonstrar suas contribuições para a constituição das identidades das pessoas com deficiência visual, e quiça de marcadores culturais capazes de aglutinar esse grupo.

Atualmente, as fronteiras identitárias estão cada vez mais dissolutas, por isso mesmo, escolhemos varias identidades conforme determinadas situações. Mas existem situações em que talvez seja um tanto difícil de estabelecer um padrão exato de identidade, mesmo pelos outros que também as outorgam. Mas estes indivíduos surdos-cegos, ou surdos com baixa visão, podem ser uma espécie de pontos convergentes de identidades que possibilitem a demonstração das práticas de trocas culturais. Percebi que os indivíduos que poderiam ter identidades convergentes neste sentido seriam os surdos-cegos e surdos com baixa visão, afinal, consideram-se surdos com cegueira? Cegos com surdez? Nenhuma das duas? Vêm-se como surdos que tem baixa visão? Ou alguém com baixa visão e surdez associada? De que

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), orientando da Profª Dra Lodenir Becker Karnopp, na Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação, Bolsista do CNPq.

² Ao cursar a disciplina de Problemas Educacionais Contemporâneos, na UFRGS, ministrada pela Profª Dra Lodenir Becker Karnopp, pude efetuar as primeiras leituras a respeito do tema.

modo estas pessoas se identificam? Podem demonstrar estas convergências e suas possibilidades? De que forma pode acontecer essa interação entre surdos e pessoas com deficiência visual?

No que diz respeito à surdocegueira, esta é considerada conforme os padrões classificatórios clínico-médicos como sendo um dos diversos tipos de múltiplas deficiências. São conceituadas como múltiplas pelo fato de terem duas ou mais deficiências associadas, ainda que seu tratamento seja realizado como uma única condição, no caso da surdo-cegueira, por exemplo, não possui surdez mais cegueira, e sim ambas como uma forma específica de deficiência na qual se perda parcial ou completamente a capacidade de enxergar e de ouvir. (BRASIL, 2007, p 11)

As principais causas da surdocegueira são os fatores genéticos e hereditários, bem como doenças ou posturas inadequadas das mães durante a gravidez, além de doenças adquiridas principalmente na infância como meningites e toxoplasmose (HONORA; FRIZANCO, 2008, p 149-150)³. São classificadas pelas mesmas autoras da seguinte forma:

1. Cegueira e surdez congênitas.
2. Cegueira congênita e surdez adquirida.
3. Surdez congênita e cegueira adquirida
4. Cegueira e surdez adquiridas
5. Baixa visão e surdez congênitas
6. Baixa visão e surdez adquiridas.

São classificadas também como pré-linguísticas e pós-linguísticas de acordo com o estágio de desenvolvimento comunicativo-cognitivo em que se encontravam quando do acometimento da surdocegueira. Cada uma delas exige uma forma diferente de abordagem e tratamento, assim como na educação escolar é de suma importância para sua aprendizagem e sua interação com o meio social (HONORA; FRIZANCO, 2008, p 151).

Creio que classificar as pessoas que possuem surdez e baixa visão na categoria de surdos-cegos é um equívoco conceitual que tornam simplificados estes enquadramentos, pois, é quase como afirmar que todos os sujeitos com deficiência visual sejam cegos a partir do momento em que têm a surdez associada, quando na verdade são situações diferentes, de pessoas com percepções diferentes com modos de interação e de comunicação diversos. A questão não é a tentativa de separação por hierarquização de valor entre cegueira e baixa visão, mas sim de constituição de marcas identitárias e de diferenciação contrapostas a essa espécie de homogeneização de certas deficiências.

Por isso, optei por delimitar metodologicamente a diferenciação entre surdos-cegos e surdos com baixa visão, sabendo que de alguma maneira estou também generalizando alguma especificidade tal qual critiquei acima. Porém, decidi por este enfoque para uma melhor delimitação temática e por entender ser mais condizente com os objetivos da investigação. Além do que não efetuo uma categorização, e sim a delimitação de um determinado enfoque sob os quais estes sujeitos podem ser entendidos e que podem também identificar-se, sem perder de vista que estas são sempre posições provisórias e fluidas.

³ É uma espécie de manual para que os professores principiarem seus estudos e pesquisas sobre alunos com deficiência e surdez, e como trabalhar em sala de aula com os mesmos. Embora não tenha alcançado sua pretensão de “esclarecer” as deficiências como está no título da obra, optei por citar esta por trazer alguns conceitos mais clara e concisamente. Para que possa no decorrer da pesquisa ampliar o universo bibliográfico a ser investigado.

Não pretendo também definir a questão sob o ponto de vista clínico-médico ou dos diferentes estudos psicopedagógicos em que estão inseridas a maioria das pesquisas sobre surdocegueira, tais abordagens tratam, na maioria dos casos, apenas dos processos de comunicação e reabilitação de funções psicossociais e fisiológicas das pessoas. Sendo assim, pretendo continuar realizando pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar alguns aspectos de suas discussões conceituais em diferentes perspectivas. A partir disso, pretendo fazer uma conexão com as experiências de pessoas surdas com baixa visão e surdo-cegas, ou que estejam diretamente relacionadas a seu contexto com o objetivo de expor e analisar alguns desses discursos. Para tanto, além da bibliografia disponível, realizarei pesquisas no site de relacionamentos Orkut e farei entrevistas com algumas pessoas ligadas ao tema, como professores, amigos, pais e tanto quanto possível com os próprios surdos-cegos e surdos com baixa visão.

Pretendo analisar seus modos de identificação, seus pontos de convergências e afastamentos da surdez e da deficiência visual. Interessa-me também algumas das formas de aprendizagens da língua, neste caso, da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Isso porque levando-se em conta que esta e outras construções da cultura surda são eminentemente visuais, pretendo compreender o modo como alguém com surdez e baixa visão se insere na cultura surda, e em que posição se encontram os surdos-cegos com relação a esse ponto. Além disso, investigar a forma com que acontecem aprendizagens de LIBRAS, dada a importância da língua para as aquisições identitárias dos indivíduos, e sua afirmação enquanto grupo social de minoria lingüística.

Como poderia acontecer o processo de aprendizagem de LIBRAS por alguém com baixa visão? Como forma de responder a essa questão e de vivenciá-la na prática, cursei em 2008 na UFRGS a disciplina de LIBRAS I, ministrada por um professor surdo. Objetivei com isso também, iniciar uma inserção no conhecimento da cultura surda, para de alguma maneira experimentar possibilidades de convergências entre surdez e deficiência visual.

Para mim dois desafios complexos: aprender uma língua com a qual nunca tive contato e, principalmente, tendo baixa visão, como enxergar os sinais ensinados e ter um aprendizado satisfatório em que a questão visual seja talvez a mais importante. As dificuldades foram e são grandes, mas não intransponíveis como inicialmente imaginei.

Pude observar que um dos maiores desafios não reside em aprender o sinal em si, mas em desenvolver diálogos a partir de determinadas estratégias, tais como: uma distância adequada entre os interlocutores, que permita identificar com exatidão os sinais utilizados, conforme as possibilidades visuais de cada indivíduo. Além disso, é necessário que a pessoa com baixa visão possa permanecer próxima daquela que sinaliza, possibilitando a focalização no espaço de enunciação dos sinais, melhorando assim a acuidade visual e a nitidez na percepção dos sinais. É importante considerar também o local com ampla luminosidade, facilitando a visualização dos sinais, minimizando obstáculos dialógicos entre os interlocutores.

Para quem tem baixa visão, a utilização de alguns dos instrumentos tecnológicos de acessibilidade, tais como a ampliação da tela do computador e a utilização de programas de leitura textual, facilitam o aprendizado de alguns sinais, já que em determinados sites que “ensinam” sinais⁴, através de vídeos, a visualização fica mais nítida e acessível. Talvez esta possa ser uma das alternativas no ensino e na aprendizagem das línguas de sinais para quem tem baixa visão, e também para surdos com baixa visão.

Não se pode afirmar que todos os surdos com baixa visão aprendem as línguas de sinais do mesmo modo e com os mesmos recursos, já que cada um tem suas particularidades,

⁴ Como é o caso do site Acesso Brasil cujo conteúdo está disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

mas as pesquisas sobre os mesmos são fundamentais para lhes dar a visibilidade necessária, pois vivem em uma espécie de zona de fronteira já que não são considerados somente deficientes visuais, nem só surdos, nem surdos-cegos.

Além disso, as novas tecnologias têm contribuído muito para a comunicação entre surdos e deficientes visuais, visto que tem surgido uma série de programas de acessibilidade como softwares leitores de tela para cegos, por exemplo, o Dosvox e os ampliadores de tela para pessoas com baixa visão que proporcionam uma facilidade maior para lidar com os sistemas informatizados, bem como acessar a internet, instância onde acontecem essas interações, principalmente nos dispositivos de mensagens instantâneas como chats, twitter e MSN, ou nos sites de relacionamentos Orkut e facebook. Existe de fato grande interesse e satisfação quando as interações acontecem, já que se pode perceber em uma manifestação de uma pessoa cega que conversou através do chat do site Saci⁵:

Um dia estava eu, no chat, quando comecei a conversar com uma outra menina que não conhecia muito bem, só tinha ouvido falar e sabia que entrava ali de vez em quando... A conversa ia muito bem, falávamos de nossas coisas (eu sem saber que ela era deficiente auditiva e ela também não sabendo que eu era cega) quando eu pedi a ela para conversar via microfone... Aí ela me disse que não poderia conversar por microfone [...] Aí que ela me disse que era surda e eu falei que era cega... Foi uma coisa interessante porque a partir desse dia conversamos toda vez que nos encontramos... Achei isso uma coisa aparentemente tão simples mas maravilhosa... Uma barreira de comunicação que se quebrou com a ajuda do computador... (chat.saci.org.br:1965/; acessado em 24/10/2009)

Ao acessar esse chat para pesquisar a informação e também para participar de algumas conversas com a finalidade de verificar seu funcionamento, pude perceber que para alguns participantes com deficiência visual que necessitam de programas para leitura de tela é muitas vezes mais fácil conversar com um surdo pelo fato de facilitar e dinamizar a fluência do diálogo, já que os surdos, em geral, escrevem os verbos no infinitivo, utilizam poucas preposições e formulam as frases de formas mais diretas, e no momento em que o programa lê tais textos o entendimento da maioria das palavras e de seu sentido são facilitados. Isto por que a maioria destes programas disponíveis ainda carece de uma “tradução” que permita um melhor entendimento de certas palavras e expressões.

Portanto, a partir da análise desses pontos de convergência procurarei fazer uma conexão de traços culturais em comum entre surdos e pessoas com deficiência visual.

O primeiro ponto de convergência é o fato de tanto a surdez como a deficiência visual serem tratadas como “anormalidades”, de serem entendidas como algo a ser combatido, incluído para que possa ser capturado e controlado O acesso à cultura é para ambos ainda uma questão importante a ser resolvida, assim como o surdo necessita de intérpretes em algumas ocasiões, quem tem baixa visão muitas vezes precisa de alguém que os auxilie, por exemplo, na leitura de legendas nos cinemas, já que essas estão com letras e cores que cada vez mais dificultam a acessibilidade visual.

Os parâmetros culturais da “normalidade” consideram a medicalização e a reabilitação clínica desses indivíduos como a única solução possível para superar sua “anormalidade” e aquele que não optar por isto acaba sendo entendido como “estranho”. Aqui há um ponto de distanciamento, já que os surdos conseguiram consolidar sua cultura e sua língua,

⁵ A rede Saci é uma ONG que presta serviços de atendimento a pessoas com deficiência bem como consultorias sobre este assunto a diversas instituições. Em seu portal na internet: <http://www.saci.org.br> é possível encontrar diversas ferramentas de acessibilidade e comunicação, bem como artigos e outros materiais, além de um chat disponível para a comunicação entre as pessoas com deficiência e todo aquele que também tiver interesse.

promovendo a demarcação de suas identidades e afastando muitos estigmas clínico/curativos, reafirmando o surdo como minoria lingüística e não como alguém com deficiência. No entanto, historicamente as pessoas com deficiência visual sempre foram entendidas com sentimentos de benevolência, levando a certo comodismo que até hoje ainda não permite uma união de forças que lute mais detidamente na afirmação de suas identidades, compreendendo a deficiência visual como mais uma das características que os constituem, como outra de tantas diferenças e não mais como “perda” ou “falta” de um dos sentidos.

Acima de tudo estão as reivindicações por respeito ao direito à diferença e às singularidades destes grupos, não em sua aceitação como simples “deixar existir”, mas como aceitação e respeito a suas singularidades. Diferentes sim, antagônicos não!

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL, Senado Federal. *Estatuto da Pessoa com Deficiência*. Brasília: Senado Federal; 2007
- DUSCHATSKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. *O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação*. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica; 2001.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica; 1998
- HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Esclarecendo as e deficiências: Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva*. São Paulo: Ciranda Cultural; 2008
- SOUZA, Andréa Poletto; LOUREIRO, Cristiane B. C; SANTAROSA, Lucila M. C. *Surdos e cegos: comunicação mediada pela tecnologia*. Disponível em:
<http://www.niee.ufrgs.br/eventos/CIIEE/2003/bloque2/comunicaciones/Surdos%20e%20cegos%20Comunicacao%20mediada%20pela%20tecnologia.doc>. (Acessado em Setembro de 2009).